

[ROSANE PRECIOSA]

Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, professora do Instituto de Artes e Design da UFJF e autora do livro *Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida* (Anhembi Morumbi, 2005).

E-mail: rosane_preciosa@yahoo.com.br



Acredito que todo mundo se sente meio perdido, perplexo, diante da multiplicidade das práticas artísticas contemporâneas. Tentando me livrar do inevitável "mas isso é arte" ou do irritante e arrogante bordão "até eu posso fazer isso", e sem reivindicar qualquer argumento de autoridade, o que me ocorre lhes dizer é que a arte contemporânea é um canteiro de obras a céu aberto, coisa em construção, e nada existe de definitivo que se possa afirmar sobre ela – se é que ainda faz algum sentido dizer algo lapidar, seja sobre cultura, arte, sociedade, seja sobre nós mesmos.

Talvez o que mais nos desconcerte nisso tudo é que, diante de práticas tão distintas, dificilmente a gente consegue nomeá-la, categorizá-la, enquadrá-la. Mas, então, como "dar conta" da criação atual?

Recorremos imediatamente à ideia de filiação, porque estamos acostumados a praticar uma espécie de entendimento arborescente de tudo: isso começa aqui, evolui para ali e assim vai. Uma lógica de progressão das coisas, de evolução e superação das ideias.

Digamos que é quase insuportável para nós não buscarmos as origens de alguma coisa. Não quero dizer que práticas artísticas não dialoguem com outras, nada disso. Mas isso acontece de viés: dificilmente encontraremos onde tudo começou. Cada obra recita um mosaico de textos, provenientes dos vários esconderijos do saber. O mais interessante me parece ser, no entanto, evitar a tentação de dissecá-la, esvaziá-la, forçá-la a confessar algo. Em vez disso, talvez nos coubesse "falar com ela", investigando sua potência de promover estranhezas.

Diante de tudo o que foi dito, vocês já devem imaginar que eu não lhes trago nenhum painel sistematizado da arte que se pratica hoje em dia. Apenas posso lhes apresentar algumas ideias em movimento.

[33]

Intertextualidades

Li em algum lugar, desculpem a imprecisão, que a artista sérvia Marina Abramovic, uma das pioneiras da performance, toda vez que é convocada a dar uma definição de arte, responde: "a função da arte é mudar a forma como as pessoas pensam".

Michel Foucault, o filósofo, em outro contexto, formulou algo que, a meu ver, vai ao encontro do que diz Abramovic. Ele nos adverte para a necessidade de ver/pensar/sentir de um outro jeito, romper com um universo de referências desvitalizadas, que não mais nutrem reflexão alguma.

A bailarina e coreógrafa portuguesa Vera Mantero (1998), penso eu, também pode entrar nessa conversa. Ela afirma:

Necessitamos das artes para não morreremos. As artes falam connosco, dizem-nos coisas, não se calam. (...) não nos deixam no silêncio em que se morre de tédio... Vejo as artes como um resíduo, aquilo que resta de uma série de coisas que o ser humano gosta de fazer para manter o seu espírito num determinado ponto de possibilidade. (...) Um ponto em que é possível e interessante existir... O ser humano precisa de não estar sempre no quotidiano, precisa de sair do quotidiano e entrar em noutros níveis, noutra sensação do mundo. Precisa de fazer coisas não produtivas, sair da lógica da produção, ter objectivos diferentes desses, precisa de voltar a saber que não há um só caminho entorpecedor e mecânico, que a vida é mais sutil do que isso (...) é preciso entrarmos na imaginação, nas histórias, no pensamento, nas palavras, no humor (...) na relação com os outros.

Acredito que, igualmente, caibam aqui os versos do poeta Manoel de Barros, extraídos de seu livro *Retrato do artista quando coisa*: "(...) não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora (...) eu preciso ser outros" (1998, p. 79).

Estão aqui reunidos uma performer, um filósofo, uma bailarina, um poeta, e em todas essas falas ouço um reiterado refrão: é preciso desprogramar nossa existência, arrancá-la dos condicionamentos todos que a sufocam – varrer os pontos de vista, os clichês, as opiniões, as trivialidades. Fabular outras sociabilidades, outros afetos, outras cognições, inventar outros trajetos.

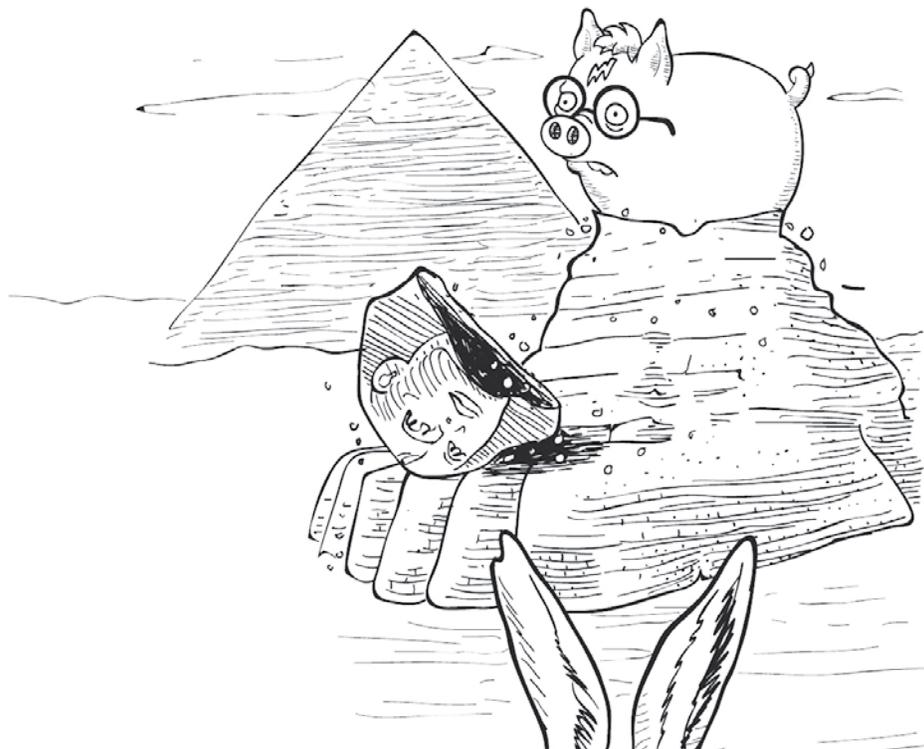
Eu me lembrei de um comentário do psicanalista Jurandir Freire Costa, a propósito do filme *Abril despedaçado*, de Walter Salles, que me empolgou muito quando li: "A vida presa ao hábito é, por certo, eficiente. Mas de uma eficácia das moendas, por onde só entra cana e sai bagaço"¹.

O contexto em questão é a atmosfera sufocante de uma família reunida em torno de uma moenda de cana, que acaba por moer suas vidas.

Pois bem, as práticas artísticas carregam consigo a potência de rachar nosso cotidiano, nos esburacam, ficamos sem chão. Diante de uma experiência estética, somos arrancados de nossos costumeiros universos de referência. Colapsa a lógica dos refeitórios, então. Recebemos uma espécie de intimação, me parece, para que a gente não se apresse a encontrar uma resposta certa, adequada, que nomeie imediatamente aquele susto, aquela emergência. O que quero dizer com isso? A gente logo dispara um míssil racionalizante: é nossa inteligenciazinha funcionando.

Mas creio que, diante disso, haja uma postura muito mais vigorosa e vagarosa que desemboca numa pergunta: o que está acontecendo comigo? Fui arrebatado, contagiado. O contágio implica termos heterogêneos, duas naturezas singulares: meu corpo e o corpo da obra. "(...) Não sou mais eu mesmo como antes, fui arrebatado em um devir outro, levado além de meus territórios existenciais familiares" (GUATTARI, 1992, p. 118). Essa desterritorialização, que acontece a partir desse encontro com o objeto artístico, não se dá por uma via intelectualizada, por uma representação, mas por "contaminação afetiva" (algo vivo, à flor da pele). E o exemplo que ele vai dar é o seguinte: embarco num universo Debussy, num universo blues, num universo Van Gogh, e em mim essa composição "hipercomplexa" ganha consistência desmanchando meus referenciais costumeiros (estou me apropriando de palavras dele e misturando com as minhas).

Preciso dizer que Guattari vai pensar a arte como resistência à "mass-midialização (homogeneização) da existência". E, à certa altura, introduz um elemento importante, o da tecnologia, uma peça-chave no jogo contemporâneo. "(...) as evoluções tecnológicas, conjugadas a experimentações sociais podem nos conduzir a universos imagéticos surpreendentes [artistas fazendo usos singulares da tecnologia, espantando territórios de referência-padrão]" (GUATTARI, 1992, p. 120).





E a pergunta aqui é cristalina, a meu ver: o que se pode maquinar com a tecnologia? Claro que as coisas podem ser operadas tanto para o melhor quanto para o pior: ele diagnostica isso, não há ingenuidades.

Eu disse isso tudo para chegar a uma ideia que me importa muito e que aparece em Guattari (1992, p. 81):

Não se trata de fazer dos artistas os novos heróis da revolução, as novas alavancas da história! A arte não é somente a existência de artistas patenteados [grifos nossos], mas também de toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias.

O que parece estar sugerido aqui é um "estado de arte", que pode ou não estar disseminado no mundo artístico. Impossível não lembrar de Hélio Oiticica e sua ênfase em proposições estéticas que desencadeassem estados de invenção, e invenção significava intervenção na existência, movida por uma profunda necessidade: uma bandeirada referencial à necessidade de politização da vida cotidiana. Hoje, uma urgência, no meu entender!

Se por um lado Guattari deixa entrever que apenas exibir carteirinha de artista não significa grande coisa, também vai dizer que "é evidente que a arte não detém o monopólio da criação, mas ela leva ao ponto extremo uma invenção de coordenadas mutantes, de engendramento de qualidades de ser inéditas, jamais vistas, jamais pensadas [fabulações]" (GUATTARI, 1992, p. 135). Advém daí nosso espanto quando isso se cumpre: o imprevisto que desencadeia outros desejos sociais, culturais, éticos e estéticos.

As práticas artísticas contemporâneas me interessam muito, na medida em que funcionam como possíveis laboratórios de transformações sociais. E não há nenhuma dimensão utópica contida nestas minhas palavras. Refiro-me afirmativamente a pequenos gestos, ações propositivas, que, de alguma forma, ativam outros modos de vida menos pasmosos, que nos forcem a buscar outros roteiros para prosseguir nossa cotidiana errância.

E a moda? Onde é possível encaixá-la a partir disso tudo? A roupa, sem dúvida, é um suporte para a arte. E ainda que ambas possuam suas especificidades, trata-se de duas vias poderosas de expressão plástica.

Ambiciosa, vivendo, já faz bom tempo, um momento de espetacularização crescente, a moda avança resoluta em direção à arte, numa estratégia voraz de anexação de territórios. Cabe a nós investigar o que resulta/resultará desse híbrido: um frisson apenas, um glamour, uma singularidade, uma experimentação social?

[1] COSTA, Jurandir Freire. O último dom da vida. Disponível em: <http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/artigos/artigos_html/dom.html>. Acesso em: 29 jan. 2010.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

MANTERO, Vera. Elipse: gazeta improvável. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.